

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Jarda

Class.: 2407

Data: 16/11/91

Pg.: _____

Pressão externa apressou demarcação

Brasília (AE) — A pressão da comunidade internacional e a proximidade da Rio-92 levaram o presidente Fernando Collor a decidir pela demarcação dos 9,4 milhões de hectares da reserva Yanomâmi. Pesou também a chegada ao Brasil, amanhã, do presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez. Em agosto deste ano, Pérez destinou 8,3 milhões de hectares aos yanomâmis e transformou a reserva indígena em patrimônio da humanidade.

A discussão dos problemas que frequentemente ocorrem na fronteira dos dois países será tema obrigatório na conversa dos dois presidentes. A demora do governo para resolver a questão poderia causar constrangimento durante a visita. A união das duas nações indígenas sempre foi o principal argumento contra a demarcação dos militares brasileiros, por terem a formação de um território independente.

A demarcação da reserva continua de Yanomâmis foi acertada na quarta-feira, numa reunião entre os ministros militares, o da Justiça, Jarbas Passarinho, o das Relações Exteriores, Francisco Rezek, e o secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger. No encontro, foi batido o martelo, depois que os ministros Rezek e Passarinho informaram aos ministros militares sobre a intensa pressão de países e Organizações Não-Governamentais (ONGs) de diversas partes do mundo, que chegaram no ano que vem, caso o governo brasileiro não demarcasse a reserva Yanomâmi. Lutzenberger foi enfático também ao ameaçar abandonar o cargo, no caso de um recuo do governo brasileiro.

zenberger foi enfático também ao ameaçar abandonar o cargo, no caso de um recuo do governo brasileiro.

BOICOTE À RIO-92

A notícia de que o presidente Collor havia determinado o reestudo da proposta da Funai para a reserva Yanomâmi repercutiu negativamente no exterior. Uma das mais antigas ONGs, a Survival International, propôs oficialmente às demais organizações envolvidas com a problemática ambiental o boicote sumário à Rio-92. A Anistia Internacional foi outra entidade que enviou telegramas de protestos ao Palácio do Planalto e ao Ministério da Justiça, ao qual a Funai é subordinada.

No início da semana, o deputado trabalhista inglês, John Battle, enviado do Parlamento britânico, encontrou-se com o ministro Passarinho e com o procurador geral da República, Aristides Junqueira. O parlamentar comunicou a preocupação do governo inglês com a situação dos Yanomâmis e com o desrespeito aos direitos humanos dos sindicalistas do sul do Pará. A pauta da reunião das ONGs, marcada para 12 de dezembro, em Paris, para preparar o documento para a Rio-92, chegou a ser modificada para priorizar a situação dos Yanomâmis.

POSSUELO PASSA MAL

A preparação do anúncio da demarcação da reserva Yanomâmi movimentou o Palácio do Planalto na madrugada de ontem. Assessores redigiram boletins em cinco idiomas (inglês, francês, alemão, italiano e japonês) para distribuir às agências de notícias internacionais. A Radiobrás — empresa oficial de notícia — também passou toda a sexta-feira ocupada em organizar material de arquivo para alimentar as agências internacionais. A TV Nacional preparou um programa sobre os índios e mandou sinal internacional ao vivo da solenidade no Palácio Alvorada.

Muito emocionado, o presidente da Funai, Sidney Possuelo, passou mal durante a reunião setorial quando o presidente Collor oficializou a decisão sobre os Yanomâmis. Possuelo precisou ser atendido no serviço médico da Presidência da República. Ele fez um eletrocardiograma, sendo liberado em seguida. "É essa emoção que me persegue na vida", disse Possuelo, ao chegar à Funai, onde um grupo de indigenistas o esperava para comemorar.

Muito emocionado, o presidente da Funai, Sidney Possuelo, passou mal durante a reunião setorial quando o presidente Collor oficializou a decisão sobre os Yanomâmis. Possuelo precisou ser atendido no serviço médico da Presidência da República. Ele fez um eletrocardiograma, sendo liberado em seguida. "É essa emoção que me persegue na vida", disse Possuelo, ao chegar à Funai, onde um grupo de indigenistas o esperava para comemorar.

Mosquitos perturbam ato

O desejo do presidente Fernando Collor de fazer pronunciamentos nos jardins do Palácio da Alvorada foi frustrado ontem pela ação dos mosquitos. Só depois de ter montado o sistema de som e instalado a tribuna, de onde o presidente falaria, a equipe técnica percebeu que havia uma grande nuvem de mosquitos. Ainda foi tentado o uso de inseticidas, mas não deu certo. Collor pretendia seguir o exemplo do presidente dos Estados Unidos, George Bush, que, tradicionalmente, faz discursos nos jardins da Casa Branca.

Depois de outras tentativas, sem sucesso, de acabar com os mosquitos, decidiu-se finalmente transferir todos os equipamentos da para a calçada do palácio, onde havia menor quantidade de insetos. O mosquito que incomodaria o presidente

é um tipo muito pequeno, que se concentra em áreas verdes. Resolvido esse problema, os técnicos de som descobriram outro: o barulho do vento nos microfones. Como não houve solução, a voz do presidente ficou durante todo o pronunciamento com a ressonância do vento.

Apesar de ser bonito, nenhum outro presidente brasileiro pensou em fazer uma solenidade no amplo jardim do Palácio da Alvorada, que até agora só serviu de cenário para fotografias oficiais de encontros históricos, como o que reuniu todos os governadores há alguns meses. Atualmente, o Palácio da Alvorada tem sido utilizado por Collor apenas para algumas reuniões e suas sessões de ginástica e musculação no final do expediente.